

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 50 - 28 DE SETEMBRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00

Herle Oberon



Neste número: A vida romanesca de Paul Muni



A última fotografia de Irving Thalberg, tirada quando, com sua mulher, se dirigia ao cinema, para assistir à 'preview' de «Romeu e Julieta»

A LEGIÃO DA DECÊNCIA ESTÁ CONTENTE

«A Legião da Decência está radiante!» declarou, numa curta estadia em Hollywood, o R. P. Gérard B. Donnelly, um dos mais célebres jornalistas católicos dos U. S. A.



Paderewski, o célebre pianista, é o protagonista dum filme, realizado em Londres. Fil-a aqui numa cena dessa produção.

«Os filmes da nova época, acrescentou, na sua maioria estarão à altura dos ideais que a Legião espera ver dominar na Cinelândia.

E a David O. Selznick afirmou: «Filmes como David Copperfield, A História de Duas Cidades e O pequeno Lord são do género que recomendamos. Não só divertem as famílias, como ainda são realizados de molde a fazer grandes receitas.»

OS RESULTADOS DA BIENAL DE VENEZA

Com uma enorme antecedência sobre as revistas congêneres, inclusivamente a maioria das estrangeiras, Cine-Jornal deu a lista completa das produções premiadas na Bienal de Veneza.

Para completar a lista, damos, a seguir, a relação das que obtiveram medalhas de honra:

Raio de Sol (Austria), Marysa (Checo-Eslováquia), Ave Maria e Tuidores (Alemanha), Servidão e A Sinfonia dos Ladrões (Inglaterra), O Caminho do Pinheiro Solitário, Doidos com juízo (Mr. Deeds goes to town) e Maria da Escócia (América), Pasirta (Hungria).

FRITZ LANG NA «UNITED ARTISTS»

Fritz Lang acaba de assinar um contrato com Walter Wanger, para realizar Three Times loser (Três vezes perdido), que terá Sylvia Sydney e Henry Fonda, como vedetas. O filme será distribuído pela United Artists.

HOLLYWOOD, a cidade-iman

HOLLYWOOD, a cidade-iman, cujo esplendor atrai todos os que ignoram a sua miséria, possui, através dum dinamismo aos grandes centros dos Estados Unidos, a virtude de ser a capital do cinema americano.

Ir ao país dos dólares e não dar um pulo à Cinelândia, aos seus estádios monstros e aos seus centros de diversão lípicos; não avistar pelo menos uma ou duas estrelas de primeiríssima grandeza; é pecado só equivalente a visitar a França e não percorrer Sèvres, onde tal qual como em Hollywood se cria beleza e arte.

Hollywood pode ser figurada como um grande aspirador que literalmente «chupe», sem interrupção, dezenas e dezenas de estrangeiros ávidos de glória, e que quantas vezes se estiolam a palmilhar o asfalto de avenidas que não terminam nunca, antes de alcançar a hipotética e vã glória a que aspiram.

A metrópole do cinema exerce a sua atracção até sobre os homens do mar, geralmente libertos de propensões móbidas. Raro é o marítimo, vindo das restantes partes do mundo, que, ao ancorar o seu barco em São Pedro da Califórnia, não salte apressado para terra e do alto de um «lôxi» não ordene ao motorista que o transporte, sem demora, a Hollywood. É que, para eles, a Cinelândia dá felicidade...

Logo que pisam as ruas de Hollywood, invade-os o ardente desejo de ver a sua preferida: Greta Garbo ou Marlene, Simone Simon ou Shirley Temple. Os anorosos, esses, aguardam dias e noites inteiras, postados a uma esquiua, perto da vila em que reside o seu «ideal», na secreta esperança de a «perceber em carne e em osso», aquela carne e aquele osso que eles dariam a vida por tocar...

Evidentemente que toda a mística pede charlatão. E é vê-los pululando pela cidade, em cada dos recém-chegados, a quem se oferecem, a troco de uns míseros dólares, para os conduzir a Berveley-Hills, em visita às residências das estrelas e galãs. É claro que os pobres obsecados visitam tudo menos as autênticas moradias das autênticas estrelas.

Mostram-lhes sim umas casas abandonadas, onde lhes estoiram a imaginação à força de os convencer que, em dado sofá, é que Charlot declarou a Paulette Godard que a adorava; que daquela janela é que Douglas Fairbanks piscava, em tempos, o olho a Mary Pickford; ou ainda que certa porta de serviço foi muito útil a Clark Gable, para os seus devaneios anorosos...

Acrescentemos a lódas estas inocentes mentiras a venda de «recordações» como bonecos Mickey-Mouse, bigodinhos de Charlot aplicados a um elástico para fácil colocação, unhas de Mãe West em elegantes estojos, cabelos, fotografias inéditas, meias de seda que envolveram as pernas de determinada vedeta, flores usadas pela Carol Lombard ou pela Loretta Young, etc., etc.

E os ingénuos visitantes, vítimas da sua credulidade e do seu muito amor pelo cinema, lá vão para longínquos continentes carregando falsos cabelos, falsas unhas e falsas flores.

Mas, se na vida quase tudo é falso, porque não deixar a esses homens a suprema ilusão de levarem consigo qualquer coisa que julguem ter pertencido aos seus ídolos e sobre a qual possam sonhar?

OPERADOR N.º 13

O INQUÉRITO DO «HOLLYWOOD REPORTER»

O maior jornal diário da Cinelândia, o Hollywood Reporter, organiza, todos os anos, um inquérito, entre os seus leitores, a-fim-de saber quais são os favoritos da tela.

Este ano, o primeiro prémio não foi obtido por um artista, mas por um par: o extraordinário Fred Astaire e a sua loira parceira, Ginger Rogers.

Shirley Temple vem em segundo lugar e Clark Gable em terceiro.

Mãe West fala da literatura

Mãe West, como se sabe, não é falha de cultura, nem de inteligência. E, no entanto, por causa das suas excentricidades, muita gente tem pretendido fazê-la passar por uma ignorante. Assim, certo jornalista, pretendendo confundir a famosa Lady Lou, perguntou-lhe:

—Mãe, qual é a sua opinião sobre a literatura comparada?

Sem vacilar, a formosa actriz respondeu:

—Olhe: um romance alemão é um livro onde duas pessoas se desejam, desde o princípio, mas onde só realizam o seu sonho na última página.

«No romance francês, a posse data do primeiro capítulo, e daí em diante os dois amantes passam a delectar-se.

«No romance americano, os dois apaixonados querem-se um ao outro desde o primeiro encontro, casam—e pela vida fora continuam a ser um casal modelado.

«No romance russo, há duas pessoas que nunca se desejam e a posse nunca se dá—mas o autor necessita de 500 páginas para nos tornar compreensível a sua história...»



Paulette Godard, ou Mme. Chaplin...

As loiras preferem o negro

por Ginger Rogers

As loiras preferem o preto. E fomos jurar que há razões de ordem psicológica a explicar esta preferência... Talvez não as possa completamente, mas a verdade é que, até hoje, ainda não encontrei uma única mulher loirada, que não haja feito do preto a cor favorita dos seus fatos. Paixão pelos contrastes, dissimetria natural — chamem-lhe o que quiserem. O facto comprova-se. É inegável.

Graças a esse instinto natural, que a mulher possui em mais alto grau, ela convenceu-se de que o negro lhe dá um ar distinto, elegantemente sóbrio, *roffiné*, uma espécie de personalidade, e que, mais do que qualquer outra cor, faz ressaltar o brilho da pele e do cabelo.

Intencionalmente ou não todas as mulheres se vestem com o fito de agradar. É uma «coquetterie» admissível, na minha opinião. Em geral, os homens preferem as loiras... vestidas de preto. É falo... por experiência própria.

Sei que, para a maioria dos homens, o negro dá às mulheres um encanto novo, um atractivo maior. É uma espécie de vertigem do perigo. É assim os fatos negros das loiras seriam uma espécie dos pavilhões pretos dos piratas — a gritar: «perigo de morte!»

GINGER ROGERS

Um concurso de filmes de amadores, em Dezembro de 1936

Este concurso, organizado pelo Grémio Português de Fotografia, por intermédio da sua sub-seção de cinema, tem um carácter de propaganda do cinema de amadores e não só poderão figurar trabalhos que satisfaçam às condições abaixo indicadas.

Todos os amadores do País são cordialmente convidados por este meio.

REGULAMENTO

1 — O tema para o concurso é *O Outono*, que cada amator interpretará com a originalidade, com a extensão e no género cinematográfico que lhe aprouver.

2 — Os filmes serão de formato reduzido, isto é, de 8^{mm}, de 9,5^{mm}, ou de 16^{mm}, a preto e branco ou a cores.

3 — Cada amator pode concorrer com o número de filmes que desejar.

4 — São obrigatórias as legendas nos filmes apresentados.

5 — Os filmes serão entregues na sede do Grémio até ao dia 25 de Novembro de 1936.

6 — As exhibições públicas serão feitas em datas oportunamente anunciadas.

7 — Os filmes enviados serão apreciados por um júri composto de entidades competentes e haverá três prémios, que o G. P. F. procurará que sejam suficientemente compensadores.

8 — O G. P. F. prestará o seu maior cuidado aos filmes que lhe forem enviados, porém não se responsabiliza por perda, desvio ou estrago dos mesmos.

9 — A projecção dos filmes será feita por especialistas e em aparelhos verificados.

10 — Todos os concorrentes serão informados da classificação do concurso.

11 — Os filmes serão devolvidos aos concorrentes dentro de uma semana após a última exhibição.

12 — Em casos imprevistos a resolução da Direcção é soberana.



Henri Garot e Daniëlle Darrieux, um par de largo futuro, que engloba dois ídolos dos plateias mundiais

Os peles vermelhas americanizaram-se

É difícil encontrar hoje, em Hollywood, peles vermelhas que queiram representar no cinema. Os indígenas americanos são uma raça em declínio.

Com bastante trabalho, conseguiu-se arranjar 14, para o filme *Dancing Pirate*, que, como se sabe, é em technicolor. Era impossível, para obter o efeito desejado, substituir os autênticos peles-vermelhas, por outros «improvisados».

Quando Carrigan, o realizador, seguiu a primeira cena, deu um berro enérgico: «Cortem!» «O que há?» interrogaram os técnicos surpreendidos.

E Lloyd Carrigan, virando-se para os selvagens, bradou:

— «Parem lá de mascar «chewing-gum»...»

KATHARINE HEPBURN VAI VOLTAR AO TEATRO?

Katharine Hepburn que, após o seu êxito em Hollywood, apenas uma vez, e numa experiência desgraçada, voltou ao palco, para interpretar a peça *O Lago*, vai regressar ao teatro, devendo reaparecer com *Peter Pan*. É possível que, antes disso, interprete *Portrait of a Rebel*, para a R. K. O., que se vai iniciar brevemente.

OS COSSACOS DO DON, NO CINEMA

O departamento cultural da Ufa está preparando quatro filmes de curta metragem com a participação dos Cossacos do Don, sob a regência de Sergio Jaroff.

Estes filmes, pertencentes ao grupo produtor do dr. Nicholas Kaufmann, serão realizados pelo dr. Johannes Güter. Engenheiro de som é Hermann Fritzsche.

Os quatro filmes compreendem canções russas religiosas, canções de soldados e de cossacos, com bailados, trovas populares da Rússia e canções para salas de concertos. As filmagens estão sendo realizadas, presentemente, nos estúdios da Ufa, em Neubabelsberg.

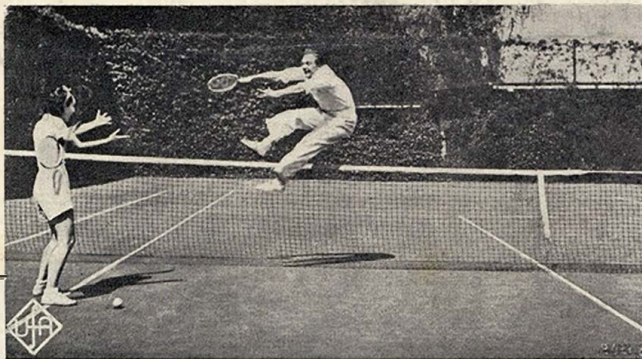


LIDA BAAROVA

CONTA A "CINE-JORNAL" A SUA VIDA,
A SUA CARREIRA E OS SEUS AMORES

PARECE viver um pouco de romantismo, não há como os bastidores, ainda que sejam, para variar, bastidores de cinema. A luz da ribalta e a objectiva das câmaras cinematográficas têm o dom de transfigurar as pessoas, adaptando-lhes o carácter ao género do papel que representam em cena, e formando com a realidade e com a arte um todo indivisível e tão convincente, que o espectador ingénuo não imagina o Harry Piel senão a brincar com canários e a Pola Negri a combinar paciências... De há dois anos para cá, vemos na tela, em filmes alemães, a figurinha gentil de Lida Baarova, jovem, elegante, sossegada, retraída, porte de grande dama, enfim, uma mulher interessante. Venho palestrar com ela no jardimzito da cantina dos estúdios da Ufa. Caem dos plátanos as primeiras folhas amareladas do outono, o sol distancia-se cada vez mais, recusando-nos o seu calor, e o céu acinzentou-se, perdendo pouco a pouco a sua coloração lírio azul, tão ridente. Estas conglutinações poéticas e pessimistas são felizmente interrompidas pela voz cristalina de Lida Baarova, numa primavera em flor neste outono friorento. Não é a «grande dama», de vestido de soirée, que vem sentar-se ao meu lado. É uma saudável, encantadora e deliciosa pequena, tipo de «College Girl», sem o menor vestígio de «rouges», os lábios naturalmente rubros, os caracóis castanhos esvoaçando

por baixo do chapéuzito à «sport», os dentes muito brancos, como uma fada de pérolas, o «tailleur» assentando sobre as formas juvenis, e uma enorme bóia, decerto muito prática, debaixo do braço. E toda ela é uma radiante expressão de juventude, o que aliás não admira porque Lida Baarova é uma das artistas mais novas da Ufa. A primeira resposta que me dá é um sorriso «cércia de uma pergunta que lhe faço, em nome de consulentes que, todas as semanas, repetem esta indiscreta» interrogação, nas secções de «Correspondência» das revistas e jornais de cinema: «Lida Baarova é ou não noiva, esposa efectiva ou esposa divorciada de Gustav Fröhlich?»



Lida Baarova e o seu noivo, Gustav Fröhlich, divertem-se...

Seja pois dito, para tranquilidade dos curiosos e demais interessados, que Lida Baarova e Gustav Fröhlich são um feliz par de noivos. Contou-me Lida Baarova que nasceu em Praga, a linda e histórica cidade do Moldau. Freqüentou o Liceu, mas, ao contrário do que sucede com muitas colegas, não sonhava com o teatro e muito menos com o cinema, e, para dizer a verdade, nem sequer pensava no futuro. Um dia, tinha ela 15 anos, um director de cena reparou nela, por acaso, o tal acaso que aparece na carreira de muitas estrelas de cinema. Dias depois, o director pediu ao Liceu autorização para que a pequena Lida pudesse representar um minúsculo papel num filme qualquer. No segundo filme, já ela representava o papel principal, e não há dúvida que começava a fazer carreira. Mas não sem a preparação que o cinema exige. Lida abandonou o Liceu, mas teve que entrar para a Escola de Arte Dramática de Praga, onde permaneceu dois anos. Concluído o curso, entrou logo para os estúdios, para trabalhar numa fila de Carl Lamac, e a essa, outras mais se seguiram, num total de 19 filmes, no breve espaço de três anos, um verdadeiro esforço que despertava admiração, tanto mais que entre os filmes ainda trabalhava no Teatro Nacional de Praga, uma casa de grande reputação que já tem preparado muitas futuras estrelas de cinema. Os seus últimos filmes realizados em Praga já pertenciam à produção da Ufa, que não vacilou em contrular por longo tempo a jovem e prometedora artista. Foi, pois, a Ufa que a levou para a Alemanha, para representar o papel de protagonista em Barcarola, com Gustav Fröhlich. Este primeiro papel em alemão exigia da actriz a máxima concentração de espírito e de eueriga e as maiores qualidades de adaptação. Pois bem: dentro de poucos meses Lida Baarova falava correntemente o alemão, o bastante para desempenhar o seu papel, embora com um ligeiro sotaque, que aliás quase não se nota. Hoje, fala correctamente o alemão, e às vezes até responde com muita graça no dialecto de Berlim a uma ou outra piada que o pessoal técnico lhe dirige. Há dois anos que trabalha na produção berlinesa da Ufa, tendo desempenhado vários papéis interessantes e difíceis, como por exemplo em Einer zuviel and Bord, Stunde der Versuchung, e, ultimamente, em Verräter (Traidores). Ela mesma nos diz que Verräter é o seu 25.º filme, um verdadeiro «record» olímpico. Não me conso de contemplar esta jovem e inteligente artista, que sabe contar com tanta graça e tanto desembaraço. Parece incrível que seja ela que interpretou no filme o amor de mãe, o sofrimento e a desgraça com uma convicção que é impossível adivinhar numa mulher tão moçal e tão forte do talento e da magia do cinema. O mais curioso é que ela, em Praga, só interpreta papéis humoris-

licos, figurinhas à Anny Ondra, meninas endiabradas, crianças terríveis. Assim, no seu último filme de Praga, A costureirinha, de Mac Frit, que também realizou o filme de Hans Moser, A estrada do Paraíso, ela fez o papel de uma pequena de 14 anos, que dá os primeiros passos na vida. Tanto maior é o êxito que obtem em papéis mais difíceis que lhe confiam as produções de Berlim e que são a prova conclusiva das suas qualidades interpretativas. No entanto, também gostaria de representar em filmes alemães papéis de raparigas alegres e endiabradas: talvez que esse seu desejo se realize em breve, porquanto surpresas é coisa que não faltam no cinema.

Uma hora de conversa com Lida Baarova é a coisa mais divertida que se possa imaginar. Conta episódios, historietas, mecdolas, fala de arte, salta da arte para os desportos, e aqui é que ficamos a saber que Lida tem um fraco pela aviação: é aviadora eximia, tem uma pequena avioneta, e enquanto a gente dá os seus passeios pelos bosques da cidade, ela anda pelos ares a cumprimantar as nuvens; isto é: há pouco mais ou menos um ano que não voo sozinha, desde aquele dia em que duas pessoas que ela conhecia desde criança se despenharam no solo. Esse acidente causou-lhe uma impressão tal que hoje só voo contrafeita.

Lida Baarova fala com entusiasmo de Paul Wegener, que realizou ultimamente Die Stunde der Versuchung (Hora de Tentação) e diz que nunca sentiu tanto a influência de uma direcção artística, como nesse filme, tanto que por vezes se envergonhava como uma colegial quando Wegener se mostrava descontente, e ficava radiante quando ele a elogiava. O seu último papel em Verräter é qualquer coisa de novo e de interessante. Neste filme, realizado por Karl Ritter, os papéis são quasi exclusivamente masculinos: as cenas com ela são simples episódios, mas de grande intensidade dramática. Lida Baarova interpreta pela primeira vez uma espécie de «vamp», ou, melhor, ainda, de «mulher fatal»: é uma mulher que desgraça um homem com a sua ignorância e com os seus instintos, e cujos caprichos e frivolidades acabam por selar o destino de muitas outras pessoas.

Outros papéis a esperam, uns em Berlim, outros em Praga, mas antes disso vêm as férias, provavelmente com Gustl (é assim que trata Gustavo Fröhlich), se os senhores produtores o permitirem, porque a vida privada dos artistas depenhe também destes senhores, e acima de tudo está o dever e o trabalho.

Lida Baarova tentou falar, nestes dias mais próximos, para Praga, onde se demorará algum tempo, seguindo daí, acompanhado de sua mãe, para uma estadia de cura, onde descansará do trabalho insano das últimas semanas, porque embora seja a «boneca» da Ufa, certo é que a profissão cinematográfica influi na saúde e nos nervos dos artistas.

Estava terminada — infelizmente — a minha conversa com esta menina-senhora, que se afastou de mim correndo como uma colegial e saltando para o «cabrioleto» azul com o desembaraço de uma desportista. Mais um aceno de mão e o carro lançou-se veloz pela avenida dos estúdios, rumo à cidade...

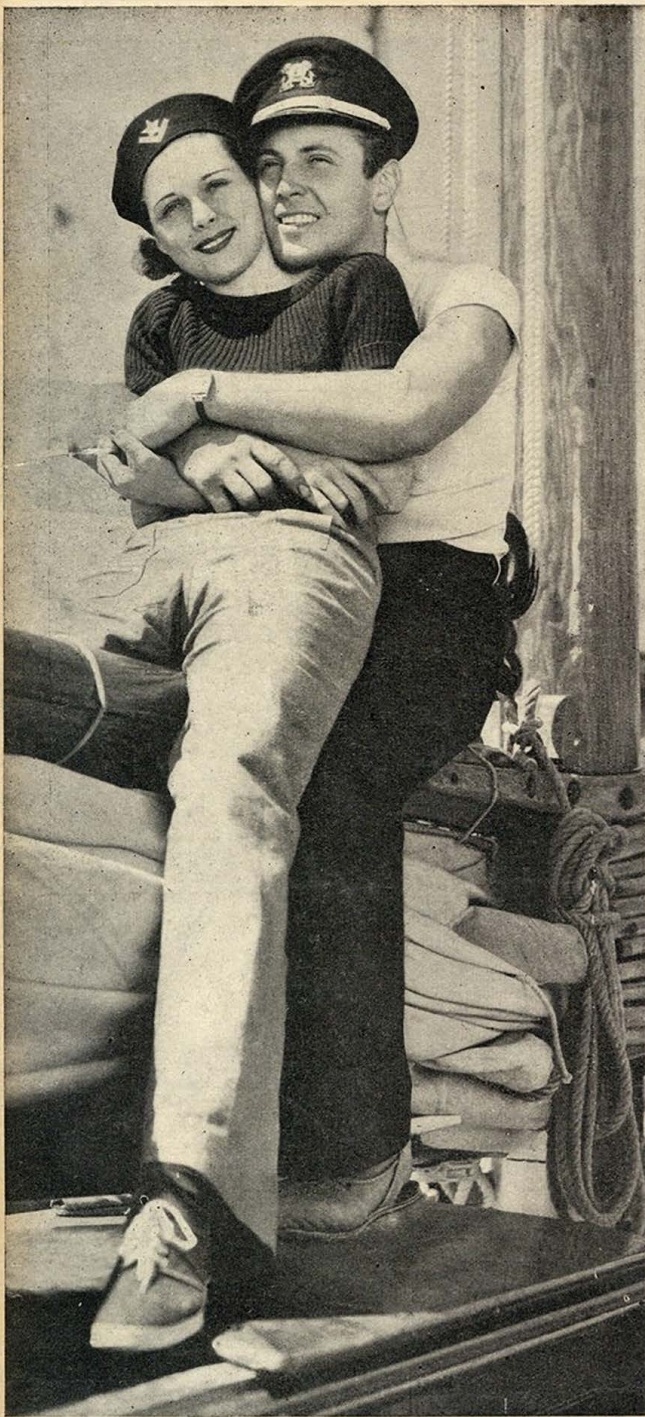
Berlin, Setembro de 1936.

L. ST.

(Em especial para «Cine-Jornal»)

Eleanor Powell





Viagem de Núpcias

CASARAM há dias. Aproveitaram uma semana de férias, entre dois filmes. Correram nos pés do Pastor. Juraram amor eterno, fidelidade recíproca e amparo mútuo. A viagem de núpcias iniciou-se imediatamente. Fugiram das estradas poeirentas, dos hotéis ruidosos, dos centros mundanos e cosmopolitas. Compraram um shalut e singraram pelos mares fora.

Trocaram beijos ao luar, como dois namorados românticos. Quedaram-se, extáticos, e felizes, enlaçados amorosamente, na contemplação muda das estrelas. Viram brilhar o Cruzeiro do Sul e a lua espelhar nas águas uma estrela de prata!

Viveram oito dias de sonho, ao som da canção das vagas que se quebravam, de mansinho, junto ao costado do navio. Pescaram a fauna rica das águas azuis dos mares do Sul. Assistiram, interessados, à fauna dura dos pescadores de Pérolas.

ANatureza associou-se à festa, prodigalizando o sol, na paz do Oceano, que uma leve brisa encrespava. Vogaram dias e dias, entre céu e água, em plena maré de felicidade.

E regressaram, há dias, ao estúdio, para cumprir contratos que se não compadecem com sonhos de amor!

Nunca mais esquecerão este cruzeiro nupcial. São felizes, ainda. Chamam-se Irene Harvey e Allan Jones.

carta a

Caríssimos:

ATÉ que finalmente recebi notícias vossas. Já não as esperava, palavra de honra. Quando, em meados de Junho, abalaram de Lisboa para essa excursão infundável com pousada em todas as praias conhecidas e desconhecidas que se estendem do sul ao norte do País, ainda julguei receber notícias desses dois irmãos, únicos em Portugal. Vocês são realmente únicos em tudo; até na velhacaria. Tinha curiosidade em receber notícias vossas — confesso — por mil e uma razões.

Gostava de saber como se tem portado o vosso simpático e aerodinâmico «Citroën» da cor da areia e o vosso elegantíssimo e decorativo galgo russo de pelo excessivamente azulado; gostava de saber se as magníficas barracas de campanha e os higiénicos e cómodos colchões de ar que mandaram vir directamente da distante América têm lido realmente uso ou se se socorreram, burguesamente, dos nossos pretenciosos hoteis provincianos; gostava de saber se a vossa guiga tem navegado e se a estante que adaptaram ao automóvel tem visto os seus livros utilizados; gostava de saber se o gigantesco caranguejo de borracha ainda não reventou e se os banhos de sol já vos puseram irreconhecíveis; gostava, enfim, de saber tudo o que tendes feito para assim atenuar o desgosto profundo de não vos ter podido acompanhar, depois dum tão amável convite.

Tinha por tudo isto, realmente, curiosidade em receber notícias vossas e em virtude da demora andava tão arreliado que já não me interessavam as notícias como notícias, mas sim o nome do signatário. Queria saber qual de vocês era o camarada mais vergonhosamente preguiçoso.

Todos os dias, na correspondência que vai para minha casa, procurava a tua letra máscula, Mário, e a letra afinada de você, Mariana. (Os vossos padrinhos tiveram muito mau gosto na escolha deste «Mários» e desta «Mariana»). Mas a vossa velhacaria é tão grande que quando procurava mais uma vez, já sem esperanças, notícias dos vossos, encontrei um envelope rabiscado com a tua letra máscula e um postal com a sua letra afinada. Vocês são, sobretudo, cobardes. Não quiseram suportar sózinhos as culpas e por isso combinaram escrever no mesmo dia. Não deixam, por isso, de ser igualmente culpados.

Quando voltarem a Lisboa não contem comigo para dirigir no verão esses vossos célebres passeios mistério e no inverno essas noites que preocupam os vossos pacientes Pais. Nunca mais vos desvendarei esses prazeres e espectáculos inéditos, como foi a trovada fantástica que às quatro horas da madrugada duma noite de Dezembro fomos assistir dentro do vosso carro ali para a beira do Tejo, que era de se-

gundo a segundo iluminado por maravilhosos e apavorantes relâmpagos que nos mostravam o espectáculo grandioso da cheia e da chuva intensa, chicoteada pelo vento, que caía sobre o rio encafelado; nunca mais iremos ao casino do Estoril irritar o indígena (tão pouco indígena) com aquelas «toilettes» incrivelmente antiquadas. Nunca mais podem contar comigo para colaborar nas coisas doidas e ajuizadas que os nossos vinte e poucos anos organizavam.

Também você, Mariana, não conte com a minha colaboração ao organizar jantares com ementa à Marinetti, para oferecer às suas amigas e aos meus amigos e do Mário.

Tenho muita admiração e amizade pelo célebre futurista italiano e sei bem que isto era uma propaganda proveitosa, pois as estranhas ementas obrigavam muitos dos convidados a ler a obra de Marinetti, que desconheciam completamente. Paciência. O que não posso é acamarar com vocês.

No entanto não quero cair na má criação, deixando de responder às vossas sintéticas notícias.

Há, na vossa correspondência, duas coisas comuns: a promessa que ambos fazem de me enviar novas detalhadas dessas férias saudáveis e o pedido de notícias sobre cinema.

Sobre a promessa nada tenho que escrever... tenho unicamente que esperar — e provavelmente muito tempo.

Sobre as notícias de cinema também pouco ou nada tenho que escrever, pois dizem-me também vocês que têm lido o jornal em que vos escrevo — e em que escrevo, pois julgo ser a única maneira dos meus dois amigos vagabundos receberem esta carta — e até revistas estrangeiras que compram quando passam por alguma terra mais modernizada.

O cinema português continua a caminhar no passo lento e silencioso daquele molusco que teima em imitar.

Mas não tardará que este silêncio se transforme em algazarra louca — louca em adjectivos e frases espalhafatadamente cabolinhas e desconexas — estilo «Canção de Lisboa».

Enfim... tácticas.

Estão a realizar-se três filmes:

Bocage está quase pronto. O Leitão de Barros, ou melhor, o talento de Leitão de Barros continua, no entanto, a descobrir a toda a hora um novo «achado». Dizem que o filme vai ser exibido nos primeiros meses de inverno.

Revolução de Maio está nas mesmas condições do filme da S. U. S. Vamos a ver como se sai desta o Lopes Ribeiro. Sobre a acluação do Ribeiro, no boateiro, dizem maravilhas.

Canção da Terra é o terceiro. O Brum do Cauto lá anda para as ilhas, rodeado de gente nova, a filmar. Tenho muitas esperanças e muita simpatia pelo filme. Esperanças porque tenho fé no valor de Brum do Canto e porque conheço algumas passagens, que, filmadas, devem resultar. Simpatia, porque não sinto aquela

dois cinéfilos

obsessão do negócio, que costuma girar em volta das outras películas que realizamos.

O próximo filme do Leitão de Barros parece que se intitula *Maria Migalha* e tem como protagonista Mirita Casimiro. O argumento é da parceria Alberto Barbosa. Vasco Santana e José Galhardo. É produzido pela nova sociedade de filmes que tem como sócios Leitão de Barros e o Dr. Campos Figueira. Não conheço ainda quais são as grandes atracções que o realizador das *Pupilas* vai introduzir neste filme, mas o que vos garanto é que elas existem com certeza. Não sei nada sobre este assunto... Conheço unicamente o temperamento de Leitão de Barros.

São estas as notícias que vos posso dar sobre cinema. Ando ansioso pela próxima época, para ver certos filmes. Já tenho saudades do Charlot e dos Irmãos Marx, de forma que...

Em resumo: como todas estas coisas que escrevi sobre cinema são velhas e relhas para vocês, resolvi dar-vos um conselho. Um conselho para ti, Mário, e outro para você, Mariana.

A ti, Mário, que tanto adoras a cinematografia, que tantas vilas, aldeias e cidades tens corrido, que tanto dinheiro mal gasto tens esbanjado, resolvi acon-

selhar-te a comprar uma dessas simpáticas maquinazinhas de filmar. Sentir-te-ás, assim, realizador e operador. E tu que és esperto, desempoeirado e tens bom gosto, podes muito bem fazer coisas com geito. Repara que é das diversões mais curiosas e mais civilizadas. Tu podes, como poucos, ser do teu século.

A você, Mariana, que tão aparentemente desportiva se mostra e tão aparentemente cinéfila se apresenta, aconselho-a a ser realmente desportiva. Lembra-lhe que o desporto não se pratica somente no verão, aí nas praias por onde tem andado. O inverno não pode nem deve ficar esquecido. A sua casa presta-se para instalar um pequeno ginásio, onde você pode, durante todo o ano, praticar metódicamente exercícios. Não esqueça também a Serra da Estrêla, no inverno.

Mas o conselho que lhe dou com mais interesse — com tanto interesse que deixa de ser um conselho para se tornar num pedido — é que não deve nunca mais assinar Mary-Anna, pois é simplesmente horrível e horrivelmente pretençioso.

Afinal já vos perdoei. Escrevam, pois, ao vosso amigo certo

TAVARES FERNANDES

A Inauguração da Temporada, no «São Luiz»



A inauguração da temporada no «São Luiz» marcou como um autêntico acontecimento artístico e mundano. Uma casa o transbordar, em pleno mês de Setembro, provou que o público confia no escrúpulo da Empresa, que com tanto acerto o vem dirigindo.

Os Camplões de Bilheteira de Julho

«Motion Picture Herald» designa os filmes campeões de bilheteira de Julho. São estes:

«São Francisco» (M.-G.-M.), de W. S. Van Dyke, com Clark Gable e Jeannette MacDonald.

«Poor Little Rich Girl» (20th Century-Fox), de Irving Cummings, com Shirley Temple, Alice Faye e Gloria Stuart.

«The Grean Pastures» (Warner), de Max Connelly, com Rex Ingram.
«The Great Ziegfeld» (M.-G.-M.), de Robert Z. Leonard, com William Powell, Myrna Loy e Louise Rainer.
«Poppy» (Paramount), de Edward Sutherland, com W. C. Fields e Rochelle Hudson.

«It's Love Again» (Gaumont British), de Victor Saville, com Jessie Matthews.



Uma imagem gigantesca que, só por si, otesta e define o génio de Charlot. Depois das aventuras e desventuras por que passam, os dois seguem por uma estrada branca, tendo, o dividi-los, o faixo branco que delimito os dois sentidos do trânsito. O símbolo tem qualquer coisa de Belo e de esmogador! Ele e ela caminham de mãos dadas, pelo estrada da vida, mas em sentidos diferentes, infringindo todos as leis de trânsito... Na firma, como no Vida real!

Milagres
do
Cinema!

Sob

duas

bandeiras

Vai estreiar-se brevemente, nos cinemas Palácio e Odéon, um filme gigantesco, Sob Duas Bandeiras. Pareceu-nos, pois, interessante e oportuno reproduzir, dum jornal francês, a reportagem que se segue, e que, de forma brilhante e convincente, demonstrará a classe e a grandeza da obra realizada:

DESDE 1929, época da grande prosperidade, que se não assistia, em Hollywood, a um facto de tão grande importância: uma firma realiza um filme completamente

de exterior e não hesita em transportar trinta jornalistas hollywoodenses ao deserto do Arizona para assistir à filmagem.

Representando os mais importantes jornais dos Estados Unidos, França e Inglaterra, deixámos Hollywood num sábado, à noite, em «auto-car» munido de «bars». São nove horas e vamos percorrer quatrocentos quilómetros e, como a concepção americana do jornalista o mostra sempre de copo na mão, a «20th Century Fox» tomou as suas precauções; não teremos sede.

O mais curioso é que, embora se trate duma viagem profissional, sentimos a impressão de partir para férias. Na volta, teremos muito que rabiscar uns, por enquanto, descansamos. Ao chegarmos a Calexico, nosso quartel geral, sabemos que os artistas, técnicos e chefes da «20th Century Fox» encarregados da realização de «Sob duas bandeiras» têm também a impressão de estarem em férias. Realizar um filme cujo custo ultrapassará um milhão e meio de dólares, executá-lo a quatrocentos quilómetros do estúdio, não é um empreendimento, mas uma grande aventura...

A travessia do deserto, a noite, a chegada a Calexico (aldeia californiana na



fronteira do México) e a Mexicali (aldeia mexicana do outro lado da fronteira, um dos centros mais abjectos do mundo, onde o crime e o vício são visíveis nas ruas lamacentas) tudo isto não é mais que o princípio. No dia seguinte, pela manhã, faremos ainda cem quilómetros, muitas vezes acima do nível do mar, para alcançar as proximidades de Yuma (Arizona), deserto que figura sempre de Saharã nos filmes americanos. Vemos, na estrada, as ruínas dos cenários levantados outrora para o «Beau Geste» e outros restos mais lúgubres ainda, esqueletos de cavalos (por vezes julgamos reconhecer ossos humanos) branqueados pelo sol impiedoso do deserto. Enfim, supremo contraste, é deslizando, numa estrada de um asfalto impecável, que chegamos ao termo da viagem. Aqui não vemos senão, dos dois lados da estrada, dunas de areia que se perdem ao longe. Abandonamos o carro e mergulhamos agora neste país onde, a cem metros da estrada, qualquer se perderá irremediavelmente.

Para filmar foi necessário dominar o deserto. Entre a estrada real e o cenário principal construíram uma estrada de madeira, de mais de trezentos quilómetros. Um camião que caminhava, em marcha atrás permanente, ia descarregando trave por trave e, dia e noite, de hora a hora, uma equipa que deve limpar esta estrada de madeira que, em cinco ou seis horas, se não houver esse cuidado, será engulida pela areia.

Do outro lado da estrada (a cinco quilómetros do cenário principal de «Sob duas Bandeiras») a «20th. Century Fox» levantou uma cidade portátil que, durante as semanas de filmagem, abrigará o pessoal técnico e artístico. Compõem-na umas quarenta casitas, a lembrar barracas de campanha, um vasto refeitório onde os milhares de figurantes, artistas e técnicos se alimentam; uma estação de correio, uma tabacaria e uma instalação de T. S. F. E pela radiotelegrafia que as diferentes partes do campo se ligam entre si e com o estúdio. O operador de T. S. F. está em conversação constante com a «20 th. Century Fox», em Westwood, nos arredores de Hollywood. Darryl Zarruck, pro-

O FILME
MÁXIMO
SÔBRE
A
LEGIÃO
ESTRANGEIRA

dutor, fala diversas vezes por dia com Franck Lloyd, realizador. E um serviço de camiões e viaturas parte de hora a hora da cidade portátil e de Westwood, transportando filme virgem, pessoal, correio, viveres, etc.

Chegados ao cenário, tivemos a surpresa de encontrar uma segunda cidade desmontável: esta alberga os condutores de camelos e os que cuidam dos cavalos e outros animais que veremos no filme. Este acampamento é ligado ao primeiro e a Hollywood por T. S. F.

Realizar um filme como «Sob duas bandeiras» não é evidentemente uma pequena empresa. Basta dizer-se que foi necessário transportar para o deserto mais de 3.000 figurantes, 500 técnicos e 25 artistas. Isto, fora a população das aldeias-oasis que se reúne quotidianamente para ver filmar, na mira de alguns pequenos trabalhos lucrativos: figuração, trabalho manual, vigilância dos cavalos, etc. Multidão variada e pitoresca estes «cow-boys», índios, mexicanos e chineses, que flanam por aqui. Nunca pensámos todavia que fosse necessário construir duas cidades com instalação de água corrente, esgotos, serviços sanitários, hospital, restaurantes e estradas. Só faltava eleger um governador civil: Ben Sidney, director da produção, goza duma autoridade que se aproxima da que é atribuída àquela entidade oficial e todos sabem em Hollywood que não há melhor director.

Suficientemente impressionado pelo que acabava de nos ser mostrado, e que nos parece um sonho, chegámos enfim ao oásis onde se filma. Não é um verdadeiro oásis: este possui uma aldeia tipo «Far-West», péssimo cenário para representar o Saharã. Foi então necessário erguer ao lado do forte da Legião Estrangeira, num vale árido e solitário, uma fonte rodeada de palmeiras e outros vegetais. Criou-se, assim, por algumas semanas, um verdadeiro oásis em pleno deserto!

«Sob duas bandeiras», cujo argumento é extraído do velho romance de Ouida, seria o filme em que Simone Simon deveria estreiar-se na América. Uma longa e grave doença provocada pelo excesso de regime e de exercícios extenuantes a que se impôs para interpretar o papel, provocou-lhe um estágio de seis semanas no hospital. Claudette Colbert substituiu-a, porém.

O assunto foi modernizado de maneira a que esta novela acerca da Legião Estrangeira não contivesse nada que implicasse ofensa ao prestígio da França. Assim «Sob duas bandeiras» não conhecerá os rigores da censura que se abateram sobre «Beau Geste».

Não contarei o entrelhecho. Contentar-me-ei com traçar os personagens que vamos filmar. Claudette Colbert interpreta Cigarette, rapariga que no «bars» que possui seu pai é alcunhada de irmãzinha da Legião Estrangeira. Ronald Colman, aristocrata inglês busca esquecer um amor infeliz e ingressa na Legião. Mais tarde, ele voltará a encontrar o objecto da sua paixão: Rosalind Russell. Cigarette, que adora o inglês abençoado, agonizante, a sua união, depois de lhe ter salvo a vida.

(Continua na pág. 15)

É
uma produção
da «20th. Century Fox»
DISTRIBUIÇÃO DA
COMPANHIA CINEMATOGRAFICA
DE PORTUGAL
Rua Eugénio dos Santos,
110, 2.º

A NOVA TEMPORADA PROMETE...

Os aparelhos das Provas

A *Sus* é a firma que nos deu *Maria do Mar* e *A Severa*—e que em breve apresentará *Bocage*, de Leão de Barros.

Como já dissemos, *Cine-Jornal* fará destacada referência aos novos filmes portugueses; seguimos a prática dos bons gastrónomos: deixar para o fim os pratos mais apetitosos...

Por agora vamos falar dos 23 filmes, cada um dos quais constitui um *Ano Novo* da *Sus*. São produções da *Columbia* e da *Gaumont-Brillish*.

A quantidade alia-se a variedade, não é dos temas escolhidos, como dos realizadores e intérpretes. Realizadores que se fazem rogados em aparecer: actores e atrizes cuja presença, quasi sempre, irá matar algumas saudades; assuntos que pareciam andar de férias: há de tudo um pouco...

Vejam.

* * *

Frank Capra é um valor que o nosso público soube reconhecer à primeira vista. A crítica portuguesa chegou a ser entusiástica quando da apresentação de *Uma noite aconteceu*, que considerou filme sem defeitos.

Depois veio *Milionária por um dia*: não era revelação mas a confirmação num realizador consumado.

Frank Capra não faz alardes de virtuosismos da técnica. O segredo do sucesso está precisamente no equilíbrio da concepção e na simplicidade dos processos empregados.

É, pois, com muita satisfação que o gremio de novo entre nós, em dois filmes: *Doido com juízo*, que tem um tema muito original e é servido por um elenco de primeira classe—Gary Cooper, Jean Arthur, Georges Banroff... e *Horizonte perdido*, com Ronald Colman, em que se gastou dinheiro a ródos que Capra certamente não desperdiçou.

* * *

Há muito tempo que não nos é dado apreciar qualquer obra de Joseph von Sternberg, o famoso realizador da *Marlene*, e, no entanto, o seu nome é sempre uma garantia firme do valor duma produção.

Desta feita, quebra-se o enguiço com *Amores de Príncipes*, em que Sternberg aborda, pela primeira vez, o género de cinema da opereta.

Vai ser uma competência séria para a *abstih...* tanto mais que a voz de oiro da Grace Moore e a actuação de Frank Tone são dois handicaps de temer.

* * *

Após um grande intervalo, surgem dois filmes da guerra, cada um fundando o seu aspecto diferente: em *Agente secreto*, como o título indica, acompanharemos a trama enredada da espionagem, e em *Everything is thunder*, nada sem tradução, viveremos o drama num campo de concentração de prisioneiros.

No primeiro, veremos Peter Lorre, Adeleide Carroll e Robert Young; no outro, Constance Bennett e Douglas Montgomery.

Prosseguindo na enumeração dos filmes so estrear na próxima época, vamos hoje falar dos distribuídos pela Sociedade Universal de Super-Filmes, L.^{da} (*Sus*).

Com esta é a quinta lista que apresentamos, mas o leitor, amante do cinema, só tem motivos para se regozijar com esta manifestação da actividade dos estúdios.

Antes de se visitar um país ignorado é costume compulsar-se guias que instruem da importância e características especiais das regiões a percorrer. Assim nós vamos sublinhando a valor das diferentes produções e levantando um pouco o véu que cobre o celuloide ainda virgem...



Em *O sonho de Rhodes* ainda não é a guerra, mas adivinha-se já para além do conflito Kruger-Cecil de Rhodes, o humanitário desígnio da Inglaterra de cobrir com a sua bandeira protectora os lares dos «boers» e as companhias de diamantes... O filme é inglês, o que o tornará mais curioso.

* * *

A revogação da lei seca não abriu entre os «gangsters» — como se receava... — uma crise de desemprego. Lá diz a parábola da Bíblia que os filhos do Mal têm uma imaginação inexgotável...

Do *Ladrão de casaca* a *Moeda falsa*, cujo tema lembra muito o nosso (é como quem diz...) Angola e Metrópole, há para satisfazer o paladar mais apurado dos amadores do género.

Pertencem a esta série *O crime de Nice*, com Edmund Lowe e Constance Cummings, e *Audiência de repórter*, com a simpatíssima Nancy Cartol.

Pânico nos ares, também passado no meio criminoso, é um filme a que não se pode negar uma bem curiosa actualidade... Trata-se do perigo das emissões clandestinas de T. S. F., feitas no mesmo comprimento de onda de outros postos — como sucede aqui ao pé da porta. Pela fotografia que temos presente, Lloyd Nolan — Anna Sothern deverão fazer um par muito agradável.

* * *

Só gosto de ti... é fita que muita gente terá ouvido mas que só na próxima época verá mesmo... como diria o brasileiro. Música, bailados e Jessie Matthews, a bailarina inglesa que já fez entre nós uma aparição muito rápida em *Ever-green*. Firmará ela os vantajados créditos de que goza em Inglaterra?

Outra comédia musical: *Noite de glória*, com Rochelle Hudson que conhecemos através a fotogenia dos seus retratos. Se não está nêles favorecida, vale seguramente a pena ir vê-la.

* * *

É conhecida a proibição com que os ingleses executam filmes históricos, muito principalmente quando eles se referem à história da Inglaterra.

Dez dias Rainha, produção da Gaumont-Brillish, é a história de Lady Jane Grey que subiu ao trono daquele país, com 16 anos, após a morte de Henrique VIII.

Enfim, antes Rainha dez dias do que Lady toda a vida...

A intérprete é Nova Pilbeam, um nome que se estreia entre nós.

* * *

Dois actores, dois grandes nomes, um alemão, o outro inglês: Conrad Veidt e George Arliss.

O primeiro, que tão arreado tem andado das nossas telas, figura em *O número 83*, história da revolta dos degredados do presídio da Ilha de Santa Maria.

George Arliss nasce *Rothschild*, como poderia ter nascido Silva ou Martins. Colocado à frente duma casa bancária gosa do prestígio do nome com a mesma sem-cerimónia com que muitos cidadãos pacatos vão ao Freire-Gravador escolher a família brasonada a que querem passar a pertencer...

O tema é, na verdade, curioso.

* * *

Um feixe de engraçadas comédias, saúdável maçagem nos espiritos inquietos da hora que passa...

Levados da breca parece o título dum filme de Bucha & Estica. mas não é. Mary Astor ressuscita num engraçado papel.

Milionário excêntrico com a linda Joan Bennett e George Raft, que aqui para nós está convencido que também é bonito. Quem lhe atira a primeira pedra?...

Um demónio de saías é quasi um pleonismo... Fay Wray vê-se e deseja-se. Quem a mandou ir para a China nos tempos que vão correndo?

Quem não tem no seu passado *Uma tarde, num jardim*... Jean Arthur e Herbert Marshall também tiveram a sua. Não iremos ser indiscretos?

* * *

«Um marinheiro turbulento e rude, mas generoso e bom...» Quem é o actor indicado para este papel, não me dizem? É claro: George Bancroft! Cá o teremos em *O lobo do Mar*.

Nas asas da morte é outro drama que tem como principal figura um aviador.

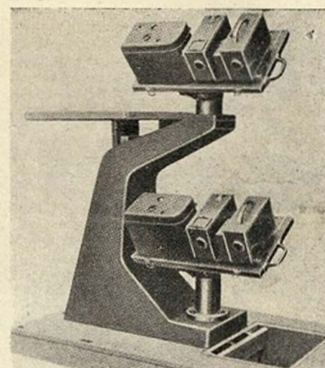
Richard Dix que nos deixou excelente impressão em *O Bandoleiro do Amor*, apresentar-se-á ao lado de Karen Morley.

Para terminar com uma nota alegre, indicaremos um filme representante do humorismo inglês, tão característico e tão europeu: *Casada com dois* tem um título atrevido, mas muita vez são mais as nozes que as vozes...

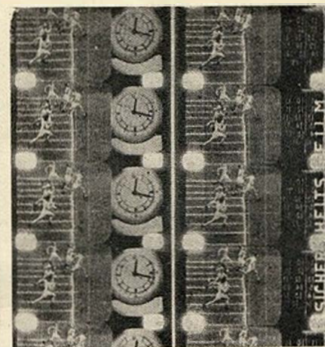
* * *

O resto fica para o próximo número se Deus nos der vida e saúde e se ao leitor não se esgotar a paciência e a curiosidade.

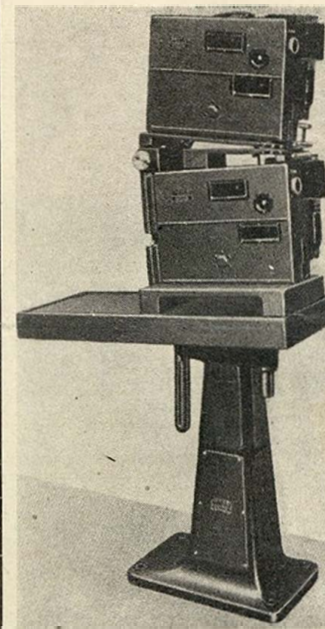
ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



O célebre «Retardador Olímpico para o Meta», que filma 100 imagens por segundo.



O filme, obtido com a Retardador Olímpico, permitiu estabelecer, com uma precisão absoluta, o ordem do chegada dos concorrentes.



O projector duplo, para projectar no telo, o filme obtido com o «Retardador Olímpico»

se filmagem s olímpicas

Nosso artigo publicado no número anterior de «Cine-Jornal», traçamos um resumo-programa do filme-documentário em película de 16 mm... feito durante a nossa viagem à Alemanha no momento dos Jogos Olímpicos. Prometemos escrever outros artigos relatando o que vimos durante esses 45 dias, e que possa interessar os leitores duma revista cinematográfica.

Depois da recepção grandemente festiva amável que a equipa de vela teve em Hamburgo, seguimos para Kiel, onde se realizariam as provas. Os nossos rapazes instalaram os aperfeiçoamentos existentes nos barcos com que iam competir, modificaram o seu «Viking» naquilo que puderam, e começaram os treinos.

Numa tarde acinzentada, precursora da tempestade de sudoeste que dominou os primeiros dias de provas olímpicas em Kiel, fui abordado por dois operadores de cinema que me declinaram a sua identidade. Estavam ambos em Kiel para filmar os preparativos das regatas, destinando os resultados ao grande documentário olímpico dirigido por Loni Riefenstahl. Dirigiram-se a mim, como chefe da equipa olímpica portuguesa, o queriam que o Ernesto de Mendonça se deixasse filmar a bordo do monotipo, conforme as indicações que dariam na ocasião. Ficou assente que dali a uma hora nos encontraríamos todos no Cais Hindenburg.

A hora marcada, Mendonça largava da doca olímpica no seu monotipo — o n.º 313, apicua e com duplo 131 — e a par dele, concorrente japonês, o turco e o chileno. Havia um certo número de «comparaas» alemães, também a bordo de monotipos, para fazerem número e darem o ambiente duma autêntica prova olímpica. E nós, os operadores e eu, embarcámos numa das rápidas vedetas da marinha de guerra, que são às centenas, em Kiel.

Como tinha a tiracolo a minha «Cinédak», a nossa conversa tomou logo o rumo do cinema. Um dos operadores, muito jovem ainda — cerca de 20 anos — pareceu-me mais simpático. Chamava-se S. V. Holbeck e alguns dias depois voltei a encontrá-lo no «Fliegerden Hamburg» (o expresso aerodinâmico que liga Hamburgo com Berlim e que atinge frequentemente 80 quilómetros à hora) e mais tarde na abertura dos Jogos Olímpicos, à porta do Estádio, quando nós desfilávamos no Campo de Maio, onde todas as equipas se encontraram para entrar no Estádio em festa, ao som do sino que chamava os atletas ao mundo.

Nessa regata-simulacro, usava Holbeck o aparelho portátil Bell & Howell, com três objectivas e um pequeno acumulador envolvido num saco impermeável. Ora filmava de bordo da vedeta, ora saltava para dentro dos monotipos, recolhendo grandes planos dos concorrentes, com um sábio aproveitamento do sol, pois recolhia sempre o contra-luz, notável apesar das nuvens.

Os «comparaas» seguiam na esteira, fingindo atitudes de regata, de modo a darem impressão de que o concorrente filmado estava na dianteira. Deste modo, ficava o operador possuindo a colecção de primeiros planos de todos os concorrentes — e segundo a classificação final escolhera o vencedor, possivelmente para figurar no grande filme de Loni Riefenstahl, ou nos documentários semanais da UFA sobre os Jogos Olímpicos.

No regresso à doca, falámos desse filme em preparação, para o qual se deveriam impressionar 500.000 metros de película. O fim-de extrair deles os 2.000 ou 3.000 metros que o filme olímpico vai ter. É claro que o resto não seria totalmente inutilizado pois aproveitamos em cerca de 20 pequenos filmes sobre o fôro de cada um dos vários desportos.

Os desportistas não são de modo algum estrelas de cinema e não podem repetir as provas que não ficaram bem numa primeira filmagem. Por isso, foi preciso estudar muito bem o local, a luz e as condições técnicas das provas, a fim de se aprovei-



Ecos cinematográficos dos Jogos Olímpicos de Berlim

tarem todas as vantagens da proximidade, que as bancadas do público não podiam disrutar, e que constituiriam a enorme e desigual superioridade do filme olímpico sobre os olhos do espectador.

Dia a dia, durante semanas, Loni Riefenstahl, trabalhadora infatigável que eu tenho visto desenvolver enorme actividade nos momentos de filmagens oficiais, andou à caça dos motivos desportivos, da sua expressão mais cinematográfica, da sua mais viva representação da ideia olímpica. No idílico palácio de Ruhwald, o quartel general do grande filme dos jogos, a Fräulen Riefenstahl e o seu estado-maior cinematográfico, debruçaram-se sobre os primeiros pedaços do filme de ensaio, muitas vezes até alta madrugada.

O meu amigo Hohlbeck, muito reconhecido pela colaboração que eu lhe tinha prestado, não só como intérprete junto dos concorrentes que não percebiam o alemão, como também pela paciência solicitada e obtida de Mendonça — entrou em confidências.

Durante o curso dos Jogos Olímpicos iam ser utilizados muitos aparelhos cinematográficos cujos resultados eram ainda, nessa altura, problemáticos. Loni Riefenstahl, por certo, publicará um livro sobre a filmagem dos Jogos Olímpicos, no género daquele «Hinter den Kulissen der Reichsparteitag» em que nos descreve como foi feito o documentário sobre o Congresso Nazi de 1934, intitulado «Triunfo da Vontade». E nós teremos, então, descrições detalhadas desses aparelhos e conclusões sobre os seus resultados.

O grande ponto de vista da realizadora era obter as provas olímpicas sob o maior número possível de perspectivas. Uma câmara volante acompanhava o concorrente nos saltos atléticos da torre de 10 metros de altura, até à sua entrada na água da piscina. Uma outra câmara mergulhava ao mesmo tempo que o artista na superfície

da água. Na corrida pedestre dos 100 metros, era arremessada uma câmara, por meio duma catapulta e de calhas, e que acompanhava os corredores. No selim dum cavalo, outra câmara filmava os saltos dos cavaleiros e as provas de Polo. Um balão livre, levando uma câmara, atravessava por vezes o Estádio, a com metros de altura. Dias depois de termos chegado à Alemanha, os jornais publicavam o anúncio de aliviar a quem entregasse a câmara fugida com um desses balões nos dias das experiências e perda com ele nas nuvens, recomendando-se a não aproximação do fogo, pois o gás contido no balão era inflamável.

Durante as regatas de Kiel, um balão cativo, ligado a um caça-minas e tripulado por operadores cinematográficos, filmou aspectos das provas, das largadas, das chegadas, das rondagens de balizas e uma vez serviu o seu testemunho, no «écran», como prova decisiva num protesto de concorrentes que mutuamente se atribuíam as culpas duma rondagem infeliz. Este balão cativo é uma das personagens principais do nosso documentário em filme Kodak 16 m/m, sobre as regatas olímpicas.

As fenomenais telo-objectivas voltaram a ser utilizadas, e eu já as conhecia pessoalmente dos campos de Nuremberg, da filmagem do Congresso Nazi de 1935. Algumas delas parecem obuses de campanha, e podemos vê-las numa das gravuras que acompanha este artigo e em algumas passagens do meu documentário, feitas no Estádio Olímpico de Berlim.

As firmas Zeiss-Ikon e Agfa criaram uma combinação mecânica e óptica para filme de 16 m/m, que é curiosíssima. Chama-se «Retardador olímpico para a méta» (Olympia-Zielzeitlupe). É um estereo-cinematógrafo duplo, que pode filmar a 100 imagens por segundo, o que ainda é pouco ao pé dos 3 milhões de imagens por segundo que já se obtêm no cinema científico. Regista o

tempo decorrido depois do tiro da partida e a hora, começando a trabalhar por meio dum contacto eléctrico directo com a pistola que dá a partida. Como às vezes, na «méta», surgem diferenças iguais a meia inspiração de ar nos pulmões e consequência dilatação do peito, o aparelho regista diferenças de cinco milésimos de segundo. Essas imagens só são perceptíveis em mais de dois planos, isto é, com a estereoscopia, e por isso o aparelho é estereoscópico. A filmagem é feita por duas



Do balão cativo filmavam-se os regatas

Em cima: o célebre «canhão» para as filmagens das Olimpíadas.



Leni Riefenstahl, a ditadora do cinema de propaganda, na Alemanha

câmaras sincronas, ligadas por um motor. A fábrica Agfa preparou um filme reversível especial cujas propriedades permitiam que «dez minutos após a chegada à méta, o filme da chegada fosse projectado diante do júri». Por meio de um banho a 24°, o filme era rapidamente revelado, invertido e seco. O projector era duplo, de modo a passar sincronamente os filmes de ambas as câmaras, projectando-os sobre um vidro despolido. Do outro lado, o júri observava. Tanto os projectores como o júri que viam o filme, usavam lentes polarizadoras, nas objectivas e em óculos especiais. O olho direito do observador via o que a câmara da direita tinha filmado e o olho esquerdo o que a da esquerda fizera. O efeito de relevo estereoscópico era perfeito. A projecção mostrava contemporaneamente os concorrentes e o relógio, em centésimos de segundo, podendo ir até milésimos.

Uma vez, segundo referiu nos «Sports» o Dr. Salazar Carreira, este aparelho permitiu a desistência duma chegada «à méta», em qualquer prova feminina, quando a classificação do 2.º lugar não podia ter sido de outro modo apurada.

Dum modo geral, posso afirmar que a filmagem dos Jogos Olímpicos foi o triunfo do retardador. E disso teremos a prova quando, num venturoso dia, com certeza muito distante, virmos o filme dos Jogos Olímpicos. Leni Riefenstahl declarou que a

montagem levaria meses e a apresentação do filme só dentro de um ano poderá ser possível.

Durante as regatas de Kiel havia uma vedeta especial para o «Olympia-Film» que tinha prioridade de lugar, logo a seguir aos fiscais do percurso. Por vezes invejei a sua posição. Mas tenho, no meu filme de 16 m/m, o naufrágio do concorrente brasileiro, com o monotipo furado por outro camarada, e um duelo de «luffing-match» entre os «stars» alemão e holandês — o momento mais palpitante de todas as 7 regatas! — que o acaso me permitiu filmar e cuja posse me enche de orgulho.

Holbeck, o jovem assistente de Leni Riefenstahl, despediu-se, dando-me o seu cartão, ou melhor a sua etiqueta, com que sela os negativos que vai fazendo. Cinco dias depois, mostrou-nos, no combóio, um pedaço de filme feito na regata-simulacro e terminámos juntos a viagem para Berlim. Aqui, logo à chegada, encaminhámo-nos para a «Kameradschaft der deutschen Künstler», onde se realizava a primeira reunião dos delegados ao V Concurso Internacional do Filmes de Amadores, para nomeação do júri, e onde visitámos uma exposição das últimas novidades em aparelhagem para filmes de formatos reduzidos, que descreveremos no próximo artigo.

ANTÓNIO DE MENEZES

O CINEMA INFANTIL DO «QUEEN MARY»

Segundo se averiguou recentemente, a primeira película projectada a bordo do *Queen Mary* foi um desenho animado de Mickey Mouse — isto antes de que o grande paquete iniciasse a sua viagem à América.

A história passou-se assim:

A família real britânica fez, oportu-

namente, uma visita oficial ao magestoso barco, antes deste começar a navegar. No grupo, ia a princesa Elizabeth que se mostrou interessadíssima pela sala de jogos para crianças. Para compazer à princesa, «inaugurou-se» o salão de cinema infantil. E foi um filme de Mickey que se exibiu!

INSTANTANEOS

1

CONQUANTO a arte cinematográfica se encontra, em Portugal, em manifesto estado de atraso, já é deveras consolador que ela suscite discussões, provoque lutas, dêida partidos... O apatismo de há meia dúzia de anos — em que a rito existência dum estúdio em terras portuguesas era a grande verdade do cinema nacional — tornava-se muito mais depressamente para um povo civilizado.

2

Vem ai Bogue!

Mesmo sem conhecerem o filme, sem nada sabermos do seu valor técnico ou artístico, já uns lhe antecipam elogios fervorosos, enquanto outros preparam verrinas para o derrubar.

Sejam prudentes! Quando o filme se projectar, é preferível que abram os olhos para ver...

3

Em Hollywood, capital do mundo cinematográfico, raras vezes surgem artistas feitos.

Quantas raparigas não têm falhado de intelecto, para, depois, se agigantarem, colocando os seus nomes na sinfonia dos rectos luminosos? Outras vão ganhando treino e aptidão, em pequenos papéis, para, após muito tempo de trabalho quasi anónimo, subirem nos elencos interpretativos, conforme as qualidades denunciadas.

Em Portugal não se procede assim... Descobre-se uma burguesinha, cujos conhecimentos cinematográficos se resumem à idade de ouro, e, então, allura do Chevalier e o número de beijos que o Fred deu na Ginger, quando filmaram Roberta.

Levamos-na ao estúdio — coisa de que ela só vagamente ouviu falar.

Dão-lhe a meia dúzia de explicações, e aguardam, por obra do senhor acaso ou descoberta miraculosa, que a pacata donzela se revele uma Joan.

Na maioria dos casos, o insucesso é inevitável. E a pobre pequena em lugar de continuar no estúdio, fazendo papéis de pouca responsabilidade, aprendendo a actuar ante a câmara, colhendo ensinamentos, é posta à margem, por ser uma vegeação (!).

Este processo nacionalíssimo de fabricar estrelas, recorda-me a máquina do galego para fazer chouriços... Dum lado metiam-se os suínos, do outro saía a carne fumada...

4

Leitão de Barros, Lopes Ribeiro, Brum do Canto, três realizadores da época próxima, três valores, três cerezas para o cinema português.

Leitão, o rático; Ribeiro, o consciencioso; Brum, uma incógnita a adivinhar o triunfo...

Todos eles uma enorme esperança para os destinos da cinematografia nacional...

5

Quando se levantou o estúdio da Tóbis, dominada a tocinha cinematográfica, todos eram cinéfilos!

A gente nova acoerrou com o seu «obolus», a favor da construção dum sonho que há muito guardava.

Muito se disse, muito se propagou e muitas coisas se prometeram. Entre essas promessas, houve uma que me não esqueceu: a fundação duma escola de cinema, pela Tóbis.

Muita gente se manifestou pela iniciativa, ansiosa de aprender e ganhar matéria para projectos em mente. Futuros argumentalistas, operadores, montadores, sonorizadores...

A ideia, como era boa, morreu. E a «escola cinematográfica» continuou a

ser feita nos cafés, sendo mestres os entendidos e alunos os inconscientes.

6

A questão dos «100 metros» é dos muitos assuntos que se tem eternizado neste belo país, onde as ideias são muitas, mas as iniciativas bem poucas.

Todos reconhecem o quanto encerra de amargura o decreto n.º 13.561, cujos resultados têm sido contraproducentes para o movimento cinematográfico português.

Os «100 metros da lei», longe de categorizarem o cinema nacional, redundaram em miseráveis amostras das nossas insuficiências filmicas.

Em Portugal, foi criada uma entidade para zelar por todos os espectáculos públicos, a fim de que as suas qualidades, recreativas ou culturais, sempre se possam impôr. Esse organismo devia negar o seu visto a todo o documentário português que fosse destituído de predicações técnicas e artísticas.

Não vamos profundar o assunto neste rápido «instantâneo» mas voltaremos brevemente, a focar a questão numa longa e estudada «exposição».

7

Sempre que em Portugal surge alguém com pretensões de fazer uma produção alegre e popular, logo um receio nos aflige: o pirismo nacional.

É lastimável que os senhores cineastas encontrem tão forte analogia entre o popular e o ordinário.

Pode trasladar-se para a tela o espirito do povo, vincar-se num bom filme a sensibilidade do vulgo, sem, contudo, se cair nas rúbricas de revista ou nas cenas ridiculamente pires, com que se delecta certo público doentio.

Preferimos o rático triste de Leitão de Barros que, nos seus «quadros de celuloide», sabe dar uma beleza rude, mas alucinante, às figuras que arranca da gente humilde.

8

Ficemos o último instantâneo. O grupo é grande, mas cabe no visor. Pode mexer-se, gesticular e bramar. O instantâneo é rapidíssimo. A ausência do cinema português quasi se deve unicamente à mocidade animosa de alguns grupos de rapazes, inteligentes e desempoeirados, batalhadores e voluntários.

Hoje, que a cinematografia portuguesa ganhou aliceres e promete ascender, já diversos vultos se acercam, de mansinho, do manancial nascente.

Certos senhores, que todos nós conhecemos muito bem, e que há muito se converteram em monopolizadores do teatro português, esboçando a gente nova que lhes ameaça a existência, principiam rondando os destinos do nosso cinema, adivinhando a colha de largos frutos. Começam pelos diálogos, para passarem aos argumentos e imiscuem-se, por completo, na arte.

O futuro do cinema português não pode ser confiado aos méritos de certos obreiros teatrais, cujas obras, falhas de imaginação e arte, malarum o teatro da nossa terra. E são esses revisiteiros que, sem respeito por uma indústria que nasce, por uma arte que despolta, aponeam a cinematografia nacional em charges insipidas e maldosas! Resta-nos uma consolação! Os nossos filmes não sendo bons, consegum ser espectáculo muito mais belos, do que os revisitas pífios que esses senhores atiram para os palcos...

* * *

Findou o rápido. Os «clichés» aí ficaram. Uns pior outros melhor retratados. Depende da fotogenia das figuras...

ANTÓNIO FEIO



O mais recente triunfo

A TRAVÉS da informação da nossa revista, já devem os leitores saber que Paul Muni acaba de ganhar na Bienal de Veneza o prêmio do melhor actor, graças à sua interpretação em «Pasteur», filme da Warner Bros, de que dizem maravilhas sobre a vida do grande sábio francês.

Este triunfo recentíssimo se não nos veio lembrar o artista, porque nunca foi esquecido, trouxe-nos, contudo, a certeza de que estava em actividade e a esperança de dentro em pouco, o vermos, de novo, nas nossas telas, onde não tem aparecido em virtude dos poucos filmes que interpreta — um por ano.

Apreciado em todo o mundo, onde conquistou fervorosos admiradores, apenas com duas superiores produções, Paul Muni é, até certo ponto, um «caso» muito idêntico ao de «Katherine Hepburns, pela rapidez do seu triunfo, e também, pela genial centelha de todas as criações.

Filho de Peixe...

De origem israelita e nascido na Polónia, Muni, foi, até conquistar Hollywood, e para cumprir o destino tradicional da sua raça, um verdadeiro judeu errante. Filho de actores, provou desde muito novo que sabia nadar, isto é, representar. E, através de todas as terras por onde passava a companhia ambulante de seus pais, o garoto de então, já observador e curioso, foi adquirindo bagagem, imitando tipos, fazendo disfarces que, mais tarde, seriam dum valor incalculável para a sua vida de actor.

Percorreu a Europa Central e depois de passar à Alemanha e à Holanda chegou à Bélgica. Era ainda novíssimo, mas

diante dos seus olhos cruzavam-se fantásticamente todas as maravilhas que acabara de ver. Com seus pais atravessou para a América e, apenas com doze anos, Muni Weisenfreund — é o nome dele — já tinha uma especialidade.

O rapaz que era sempre velho

Com efeito, graças à admirável mania das caracterizações, Muni dedicara-se à criação de tipos idosos os quais, para um rapaz com doze anos, equivaliam a uma «maquillage» que à força de ser trabalhosa era quasi heróica.

Isto foi para ele de grande importância porque, assim, conseguiu educar a garganta nas mais estranhas tonalidades vocálicas e adquirir a facilidade histriónica da sua máscara poderosa.

Tão brilhantes eram as suas criações que de Chicago, onde trabalhava, se estendeu a fama até Nova York.

Contratado para a capital, rapidamente consegue colação, merecendo triunfos sucessivos. E, então, um teatro de Broadway, resolve contratá-lo. Curioso: Paul Muni vai representar pela primeira vez na língua inglesa e isso é uma das maiores dúvidas, não só do empresário como também do público. A peça «W. Americanes» é cheia de dificuldades, mas Muni, para não faltar à regra num papel de sexagenário, sublima-se, eleva-se, domina, desfaz dúvidas a toda a gente, comove-se ele próprio e, quando acaba a representação, acaba também de alcançar o seu maior triunfo teatral.

Voltar as costas a Hollywood

Nunca a critica se mostrou tão unânime nas suas opiniões favoráveis. Paul Muni foi animado, felicitado com verdadeiro entusiasmo e, como consequên-

cia lógica de triunfar em Broadway, recebeu emissários de Hollywood.

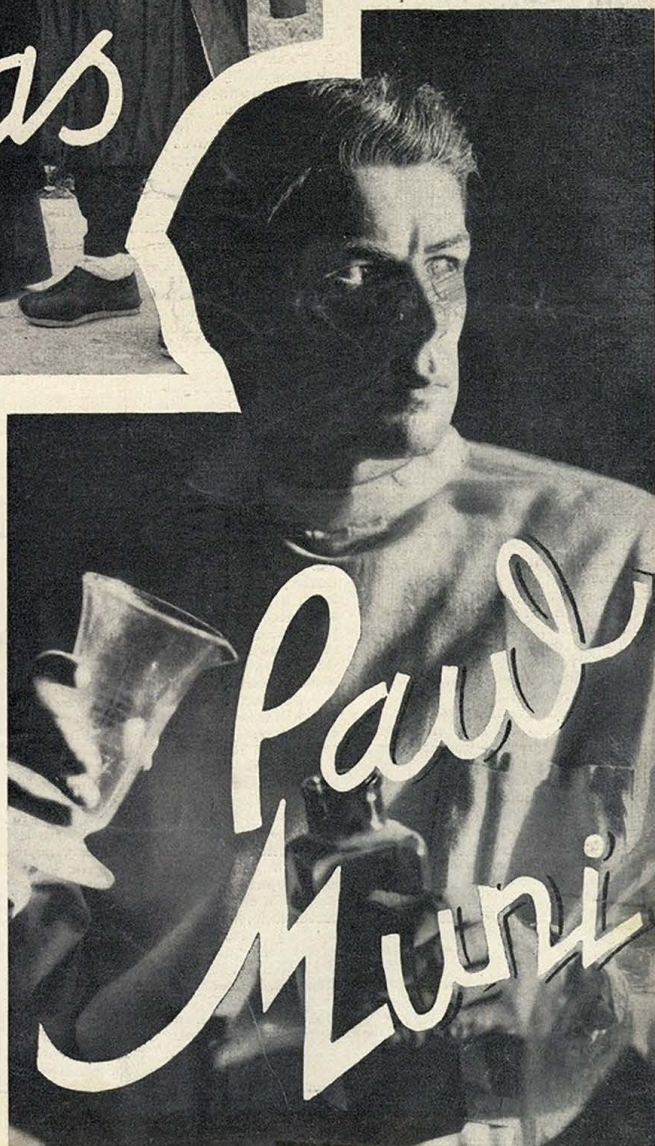
Era um novo mundo, para ele. Todavia não foi brilhante. O primeiro filme, *Son um Criminoso*, era nitidamente medíocre. Pésima «découpage», uma história sem vigor, realização descuidada afogaram todas as qualidades de Muni qui, com este desaire, sofreu um grande desgosto.

Mas se, por um lado, recebeu este cheque, por outro, foram extremamente notados os seus conhecimentos de «maquillage» e, rapidamente, os produtores de Hollywood viram nele um novo Lon Chaney. Consideraram-no um futuro cultor do monstruoso.

Seven Faces, onde se apresentou em sete criações prodigiosamente distintas, foi o primeiro filme do género. Mas foi também o último... Porque Muni, cioso do seu futuro e ambicioso na arte, da qual é um verdadeiro apóstolo, viu, perfeitamente, que se o prolongamento da «série» dava nova mina de dinheiro aos produtores, por outro lado corria-lhe as asas para outros vãos, limitando o seu campo de acção.

E Muni entendeu que o melhor remédio era voltar as costas a Hollywood.

(Continua na pág. 15)



Em cima: Uma foto tirada nos estúdios, durante a realização de quatro filmes diferentes. Nela figuram os seus protagonistas: Clark Gable, Robert Montgomery, Lionel Barrymore e Paul Muni, este no filme «The Good Earth», da Metro. Em baixo: Paul Muni em Dr. Sócrates.

CARTA do PORTO

MULHERES!

Para branquear a pele

E' finalmente, amanhã que se inaugura a Época de inverno no cinema Olímpia, a mais elegante e confortável «boite» do Porto, com um programa duplo composto dos filmes «A cinco grãos» e «Charlie Chan na Califórnia».

Esta abertura é ansiosamente esperada, sobretudo porque todo o público, cinéfilo ou profano, está já saturado, por uma época prolongada de réprises. E os filmes em estreia, quaisquer que sejam os seus méritos, tem sempre o condão da novidade, que este ano mais se acentua, aumentando o interesse pela nova temporada.

O cinema Trindade deve também, amanhã, reabrir as suas portas. À hora a que escrevemos ainda não está resolvido, em definitivo, o dia da inauguração da sua época, em virtude de ser possível que as grandes obras que está passando, não estejam totalmente concluídas nessa data. No entanto, se, num *tour de force* as obras estiverem terminadas a tempo, é amanhã que os inúmeros frequentadores do Trindade vão recomençar as suas noites de emoção e alegria, pois, são inúmeras as excelentes produções que vão ser apresentadas na velha sala de tão nobres tradições.

Mas, não se suponha que o entusiasmo que neste começo de época se observa, ansiedade que muito nos apraz registar pelo musitado interesse que revela — e ao qual já nos referimos — é filho do entusiasmo ou de errada visão do cronista. Não. Ele está bem palpável no meio da multidão anónima que procura saber que novidades nos trará a estação que surge, ele existe no seio dos cinéfilos que andam em dia com os progressos da realização, ele patenteia-se no cansaço que o público temnos tra já pelas «réprises».

Porque o público do Porto não tem esquecido o muito que deve, em favor do aperfeiçoamento dos espectáculos que lhe é dado usufruir, que constituem o melhor processo de desenvolver a sua cultura cinematográfica, o muito reconhecimento de que o cinema é credor pelas grandes manifestações de beleza que lhe tem proporcionado, hoje, mais do que nunca, vem dando a mais expressiva preferência ao cinema.

A atestá-lo, está o número, sempre crescente, de cinemas que existem no Porto, com vida própria e o interesse que a arte em si suscita.

A confirmá-lo está a ansiedade pela abertura da nova época.

Porque os cinemas Águia d'Ouro, São João e Rivoli só muito vagamente definiram a data da inauguração da temporada de inverno, vá de entrarmos já no capítulo das lamentações. Mas nada com mais imprecisa razão.

A época ainda está no seu início, ou só agora vai entrar no seu início, pele que nada temos que nos deixarmos tomar de ansiedade nervosa.

De resto, só para os fins do mês de Outubro podemos contar com o princípio da apresentação das grandes produções — quando as terras fecharem e a população das praias tiver debandado. Então, em plena estação, poderemos gozar a ventura duma temporada rica de super-produções, todas elas de molde a elevar a arte aos parâmetros do sublime — em vibrantes manifestações de exuberante beleza.

Semana R. K. O.-Rádio

Para fecho da temporada de verão, durante a qual deu sempre dois espectáculos por dia, de tarde e à noite, o cinema Olímpia organizou a semana R. K. O.-Rádio, o qual obteve franco sucesso.

Durante sete dias, foram apresentadas sete programas diferentes que a-pesar-de serem organizados com ré-

prises, eram constituídos pelas melhores produções da Itália.

E o público que durante o inverno acorreu a apreciar essa série de exatos, continuou a ver-nos agora, porque avariados os eventos retardatários na sempre quem queira ver um bom filme mais que uma vez.

Foi uma semana verdadeiramente em cheio. A despeito deste destazer de feira, um público ávido de boas obras acorreu ao cinema Olímpia e, desta vez, na certeza antecipada e absoluta de que uao so não perderia o seu tempo, mas que muito ganharia com a caninhaua — a-pesar-de este princípio de outono ainda calido.

Foi uma ideia, uma iniciativa — a de juntar numa só semana as melhores produções da R. K. O.-Rádio — que mereceu o franco aplauso público, francamente traduzido na concorrência de espectadores.

Rara que, quem não reparou no êxito desta «semana», possa verificar a exactidão das nossas afirmações basta dizer que a «semana» foi preenchida pelos seguintes filmes: «A negra avorçada», «Oração dos desfeitos», «O denunciante», «A Lucarucha», «Cartas e uentes», «A vena de ouro», «Vando para o rio de Aljeir», «Molheres», «O rio de Hong-kong» e «A flecha de prata».

Tudo produções de grande categoria, dentro do seu genero, filmes para todos os gostos e entre os quais se contam alguns dos maiores êxitos do ano.

E porque assim foi, lamentável apenas se torna que em vez de uma semana, não fosse organizada uma quinzena, pois, conquanto estes filmes tenham já sido apreciados por numerosissimos publico, teriam, agora, uma excelente oportunidade, os retardatários, de apreciar um dos melhores «stocks» de filmes dos últimos tempos, alguns dos quais interpretados pelos mais distintos artistas da sua especialidade.

Vem aí o «Bocage»

Parece que o novo fofofilme de Leitão de Barros, «Bocage», não poderá ser apresentado nesta cidade, antes da primeira quinzena de Novembro, segundo se afirma nos «mentideros» cinematográficos daqui.

Isto não diminui, antes reforça o entusiasmo com que nesta cidade está sendo aguardada a apresentação da nova produção portuguesa. Nunca, até hoje, nenhum filme nacional, antes da sua estreia, suscitou tanto interesse no público. Que é esse interesse vem aumentando, de dia para dia, não pode restar dúvidas a ninguém, e a que não deve ser estranha a distribuição feita pela S. U. S. de uns réclames do filme, e pelos quais, se prevê uma riqueza de realização que, no nosso país, ainda não tinha sido tentada.

Mas, não é esse o grande, o principal motivo, da criação deste excelente ambiente.

Bocage é um tipo, uma figura que vive, permanentemente, no espírito de todos, novos e velhos. A sua vida, a sua fama, as suas aventuras, são episódios populares que todos aprendemos a ouvir e a contar, embora acrescentando, à verdade, um pouco da nossa fantasia, da nossa imaginação.

E talvez por isso, porque cada um criou um Bocage, segundo as suas tendências, mas criou-o, talvez porque o nome de Leitão de Barros, é, para o público, a garantia dum trabalho honesto, consciencioso ou pelas duas razões juntas, o filme é uma promessa.

Promessa de agrado completa, promessa de bom êxito, de bom negócio, promessa de futuros trabalhos, para chegarmos à certeza de que o público correspondendo briosamente, galhardamente, ao esforço, ao titânico esforço de quem honestamente faz cinema em Portugal, dá-nos também a certeza de

que na feira-da-ladra das continuadas tentativas do cinema em Portugal, há já quem não lente — mas, quem caminha a passos certos para um novo triunfo.

«Tempos Modernos»

O último filme de Charlot, esse génio cujos trabalhos o mundo segue insistentemente, esse filme que todo o mundo discutiu e apreciou, vai ser apresentado brevemente no São João Cine.

Não pode passar despercebido às «filas» intelectuais portuenses a recente produção de Charles Chaplin, como não pode deixar de interessar profundamente às multidões ignaras, o último filme de Charlot.

Qualquer que seja o sucesso de «Tempos Modernos», qualquer que seja o seu resultado prático ou o prisma porque o veja a massa heterogénea do público, não pode deixar de acorrer a apreciar esta produção toda a gente que, nesta cidade, costuma ir ao cinema.

E que Charlot é um símbolo, um símbolo da hora que passa, da vida de todos os povos, quer eles vejam a luz do dia no Oriente longínquo, quer a lóbrego neste céu meridional. Charlot é o símbolo da vida de hoje, da maioria do pensamento — um símbolo de «Os tempos modernos».

Katherine Hepburn

Essa artista que o ano passado o público do Porto viu, maravilhado, impondo a sua personalidade artística tão alto, que o seu físico passou despercebido à maioria, essa artista que emocionou homens e senhoras, novos e velhos, letrados e ignorantes — Katharine Hepburn — vai surgir, dentro em pouco nos nossos «ecranas», para gáudio da turba que vibra nos seus melhores devaneios espirituais.

Katharine Hepburn foi, no meio da maré-cheia de aplausos que colheu, adentro do cinema americano, comparada com a nossa grande Ilda Stichini, no nosso teatro, pelos estetas da moderna geração. E não houve quem discordasse dessa comparação, ante a unanimidade não podia ser mais completa.

Pois essa estrela, verdadeiro génio, vai surgir, em breve, na grande reconstituição histórica «Maria Stuart, Rainha da Escócia», um filme que, segundo nos informam, não deve ser reclamado, nem recomendado — deve ser visto.

CARLOS MOREIRA

Eis uma nova cera — que maravilha os especialistas de beleza e tira as sardas e os defeitos da tez



Esta nova cera introduz-se na pele áspera e grosseira e amolece-a de tal forma que, a camada externa e endurecida, cai, pouco a pouco, em pequenas partículas, quando lavar a cara, de manhã. Resulta um rosto feito exclusivamente duma pele fresca e nova, tão rosada, tão branca, tão bonita como a pele de um bebé. As sardas — as feias manchas castanhas — e as imperfeições da cara, parecem desvanecer-se. Uma senhora de 40 anos pode facilmente aparentar 30, ou mesmo menos. De resto, esta cera limpa os poros da pele (o que o sabão não consegue fazer) e, deste modo, preserva e triunfa dos poros dilatados. As mulheres chamam-lhe «Cera Mágica», mas o seu nome científico é «Cire Aseptine». Pode-se encontrá-la em todas as perfumarias e boas casas da especialidade. Se a não encontrar ou não se quiser incomodar, escreva ao Depósito Aseptine — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.



Uma epiderme de tonalidades ou de cor naturalmente idónea dá ao rosto uma beleza que o moreno natural, muitas vezes não consegue. Há peles, porém, que acusam estroços pela exposição ao sol. Assim a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA, lançou um produto cujo agrado e aceitação têm sido potentes e que, dando à pele a cor bronzeada, exacta o natural, tem como os raios solares, a preserva simultaneamente do sol. O duplo valor deste produto é aumentado pela circunstância de não ser alérgico e permitir o «maquillage» habitual. BRONZISOL não deixará desvanecer-se da epiderme, essa linda cor dourada e quente que o verão a a praia empresta a cada rosto.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

Ler «Stadium» é andar a par do desenvolvimento desportivo de todo o mundo

afaxi, Lda

TODOS OS ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA

TRABALHOS PARA AMADORES

GALERIA FOTOGRAFICA

TEL. 2 8836

R. AUGUSTA, 110, 118 / LISBOA

OS DESPORTOS E OS CAM- PIÕES DE HOLLYWOOD

GROUCHO Marx faz exercícios «tirando conclusões precipitadas». Norma Shearer é capaz de se sustentar nas mãos, de pernas para o ar, no alto duma prancha, e dar um mergulho perfeito. Greta Garbo gosta de passear sósinha, especialmente quando chove. Robert Montgomery combina uma partida de «badminton» com a natação. O seu «court» foi construído por cima da piscina.

Hollywood toca a escaia atlética desde o jogo de «ping-pong» até o de levantar pesos, com variações, como saltar numa corda, corridas em barco-motof, e os prosaicos e favoritos ténis, golf, natação e «yachting».

Este interesse pelos jogos atléticos, que é geral em todos os estúdios, é um dos elementos de êxito em Hollywood. Hollywood, com efeito, convenceu-se de que a máxima «mens sana in corpore sano» é absolutamente verdadeira.

O trabalho cinematográfico consome muita energia, mental e nervosa. Exige que os astros e estrelas se conservem fisicamente em perfeita forma.

A produção dum filme é um exemplo vivo duma absoluta coordenação desforços. Se o filme é bom, quer dizer que o astro ou a estrela, o elenco, o director, o escritor, o «cameraman», o laboratório, o departamento de música, e um sem número de outros, contribuíram para o seu êxito.

A maioria dos actores dedica-se, dum modo geral, ao atletismo. Muitos papéis obrigam-nos a nadar, a andar a cavalo, a dançar, a manterem-se em perfeitas condições físicas.

Eliahu Powell, que obteve um êxito formidável em *Parade Marathon* de 1936, é uma ginastista admirável. Faz uma série de exercícios diários que deixariam exausto qualquer atleta profissional. O mesmo se dá com Fred Astaire e Ginger Rogers.

Joan Crawford, Jean Harlow e Nelson Eddy jogam «badminton», que é um dos sports favoritos de Hollywood, e excelente para manter as boas condições físicas.

Entre os ases do jogo de «ténis» encontram-se Clark Gable e Elisabeth Allan, que formam um dos mais fortes pares de «mixed doubles» da colónia cinematográfica. Elisabeth é também grande adepta do «cricket».

Gable é, sem dúvida nenhuma, o primeiro Nimrod de Hollywood. Beery é outro que gosta de abandonar a civilização... Aliá a paixão pela aeronáutica a da pesca.

Paul Lukas dedica-se aos pesos e aliteres, que é um dos desportos favoritos na Hungria, onde nasceu.

Hollywood também tem seu quinhão de campeões. Assim, por exemplo, Nat Pendleton ganhou o título de campeão de peso-pesado de luta greco-romana, nas Olimpíadas de Amsterdam, em 1920. Mais tarde, dedicou-se ao profissionalismo.

Johnny Weissmuller, desnecessário é dizer, prefere a natação.

Entre os que se dedicam ao «yachting», contam-se Lewis Stone, cuja embarcação é uma das mais luxuosas na Costa do Pacífico, Allan Jones, William Henry e o director Clarence Brown. Pete Smith, que faz os comentários dos filmes desportivos da Metro, dedica-se ao «ski» e a pescar espadartes, de bordo de um dirigível. Ted Healy abriu os olhos, recentemente, por alguns minutos, para declarar que o seu desporto preferido é dormir ao sol. Edna May Oliver pede para não tornar público o facto, mas não pode resistir aos passeios de bicicleta. Freddie Bartholomew tem um canivete de escoteiro, uma bicicleta, um par de luvas de box e um par de patins, mas diz que gostaria de jogar foot-ball, quando crescer.

Outro desporto que criou muitos adeptos ultimamente, em Hollywood, é o de corridas de cavalos. Entre os artistas que têm suas próprias caudais contam-se Clark Gable, Spencer Tracy, Mae West, Bing Crosby e o director Walter J. Ruben.

AS APREENSÕES DA CONDESSA PALMATICA

O som cavo do relógio da velha torre repercutiu por todo o bairro da catedral de Cracóvia. A luz branca do luar penetrava nas ruas tortuosas, desertas já, e recor-tava nos muros dos prédios as silhuetas das patrulhas que passavam a cavalo, lançando para todos os lados olhares desconfiados. Só havia luz no palácio do Governador, a cujo portão paravam as carruagens dos convidados para o grande baile. Numa rua lateral parou, há mais de uma hora, um modesto fiacre. Os cavalos pareciam dormir em pé, e o cocheiro, ao mesmo tempo que se emburrava na grossa pelica (lirige um olhar de resignação para as janelas mal iluminadas do palácio Palmática.

O nome da Condessa Palmática é ainda hoje dos mais respeitados da Polónia, mas com a pompa e a liberdade da grande Polónia independente, tornou-se também a riqueza e a abundância dessa antiga família. Os degraus de mármore da grande escadaria apresentam buracos por onde a erva cresce livremente. Os vidros dos grandes candeeiros de gás, à entrada do pátio, estão sujos e quebrados. Lá dentro, os pesados reposteiros de seda que separam os aposentos, já estão desbotados pelo tempo, e os velhos móveis de mogno encostam-se muito às paredes com receio de cair. Nos grandes espelhos baços reflecte-se a luz trémula de meia dúzia de velas. Há anos que esta sala não brilha à luz de dúzias e dúzias de velas espetadas no lustre de cristal e nos candeeiros de prata. Os pés dos moradores do palácio tropeçam nos buracos do imenso tapete...

O Governador convidou a condessa e as suas filhas, para o baile. As três senhoras, reitidas no toucado, dão ao vestuário os derradeiros retoques. Brunislava e Laura, as duas filhas, estão contentíssimas, mas sem esse nervosismo que se nota na mãe, correndo impaciente de um lado para o outro, ageitando o cabelo a cada instante, e procurando coisas que segura nas mãos. Aliás este nervosismo é absolutamente compreensível numa mulher que como ela vive em constantes apreensões. A desdita tem perseguido atrozmente a aristocrática senhora, que apesar disso não renuncia aos seus direitos, e para

a qual cada baile, cada festa de salão, são gratas oportunidades de apresentar-se em sociedade.

Quem não conhecerá as amarguras porque passa a alma feminina num momento como aquele em que a condessa se veste para o baile, e que se tem a triste surpresa de verificar que o vestido está aperiado, que o espartilho não fecha, ou que não há ganchos para o cabelo? E então o martírio, pior do que os suplicios da idade Média, de um vestido de seda que se abre de cima a baixo por um erro de costura, ou excessos de obesidade? É impossível traduzir o que se passa na alma de uma mulher quando tal acontece justamente no momento em que o baile já deve ter começado! Para a condessa Palmática, as consequências de chegar tarde à festa podem ser das mais desastrosas. É que a condessa procurará hoje, pela última vez, encontrar maridos para as suas filhas, para essas malcriadas, que se riem e cantam alegremente enquanto a mãe agüenta os puxes que lhe dão aos cordões do espartilho. Por fim, a condessa dá por terminada a indumentária, passa a boria de pó de arroz pelo nariz, e dirige-se a passos largos para o vestibulo, onde Stefan, o último e fiel criado, abre com uma reverência a porta da casa, ao mesmo tempo que lhe prepassa pelo cérebro a ideia de que no dia seguinte a modista e o cabeleireiro veem receber as contas, mas que terão de retirar-se de mãos vazias. Palmática pensa também, mas não nas contas. Enquanto a carruagem roda para o palácio do Governador, ela vai pensando que será mais uma tentativa inútil, que de nada lhe vale ir ao baile com as filhas, que Brunislava correrá, como sempre, para a mesa das carnes frias, que passará a noite a trocar dos rapazes, que Laura não fará outra coisa senão dançar e divertir-se, e que ela, a mãe, carregará de novo para casa as suas apreensões de sempre.

E no entanto a condessa não faria essa cara de martirizada se soubesse, se adivinhasse sequer, que tudo acabará bem num dia que não há-de vir longe. Sim, porque toda esta história só se passa na tela, não de pintura, mas de cinema, isto é, num filme que se intitula o *Esti dante Mendigo*.

PAUL MUNI

(Conclusão da página 13)

Scarface Camondo

De regresso aos palcos de Broadway conhece de novo a glória. Pela primeira vez na sua carreira, representa o papel dum homem com menos de cinqüenta anos na peça «Four Walls» — personagem nítida, bem desenhada e vivida, que o coloca entre os ídolos do público americano.

Aparentemente, pelo menos, não pensa em Hollywood. Todavia não o esqueceram e Howard Hughes, que tem estudado e preparado tudo, até ao mais minucioso, de «Scarface», não ignora que ninguém, como Paul Muni, poderá viver a personagem do «gangster» Scarface Camondo.

Paul Muni volta...

Entrega-se apaixonadamente ao estudo do papel, desaparece de junto dos seus amigos, e volta a Chicago, cidade muito sua conhecida, pois ali trabalhara durante vários anos. Vive o meio. Regressa a Hollywood e filma *Scarface*: sem romantismos, mas apaixonante como vivida reportagem, frio, severo, cruel, vincado por todas as taras, sublime pela mais humana desgraça. Mistura de brutalidade selvagem e de fatal sofrimento, afogado em sangue e queimado pelo ódio, Paul Muni apaixonou toda a gente, fez sofrer, humilhou e deu ao cinema uma das maiores interpretações que tem tido.

Desta vez tinha conquistado Hollywood.

Evadido na tela...

Mas ninguém o viu a gozar a popularidade, saboreando triunfos. Depois du-

mas curtas e pacatas férias com sua esposa, novo trabalho o absorvia — *Eu sou um Evadido*.

Humano e altruista, convencido da missão superior do cinema, Muni amou este filme cheio de apaixonada ternura e torturado por uma revolta contra o mundo feroz dos homens. Em tudo digno de *Scarface* esta nova interpretação, veio consagrá-lo definitivamente. Podia faltar por lhe darem mais filmes — por falta de qualidades estava, incontestavelmente, demonstrado que não.

...Evadido da vida mundana

Todos quantos o conhecem ficam encantados pelas qualidades primorosas de Paul Muni. O mundanismo de Hollywood chama-lhe «selvagem» porque não o vê transgír, porque ele não renuncia à vida calma, justa e útil que é a sua preocupação. E, talvez, esteja um elogio nesta faceta da sua personalidade.

Todavia, o desaparecimento habitual faz com que o esqueçam um pouco. Melhor: tentaram esquecê-lo.

Mas como o público, supremo juiz em todo o mundo, cativado pelas suas inescutíveis interpretações, continuava a exigí-lo, os produtores americanos, depois de dois anos em que só lhe deram mais filmes, preparam-lhe o retorno. Aguardemos *Black Fury*, *Pasture* e *The Good Earth*, como duas obras-primas que certamente são.

Confiemos nos ecos que nos chegam da bienal de Veneza.

FERNANDO GARCIA

Sob duas bandeiras

(Conclusão da página 9)

Vitor Me Laglen que ultimamente, recebeu os prêmios da Academia de Cinema da Imprensa estrangeira de Hollywood pela sua interpretação no *Demetrius*, encarna um comandante feroz. Citaremos ainda Nigel Bruce, o esocês brincalhão; John Carradine, assassino dominado pelo aborrecimento (recordações de «La Bandeira»); Gregory Ratoff, o indescrivível cómico russo e outros.

Vemos filmar algumas escaramuças: marroquinos e legionários matam-se como moscas. Interrogo-me como a câmara consegue seguir estas cavalgadas endiabradas sobre as dunas terríveis...

Mas o deserto não se deixa facilmente conquistar. Dominar-não sim enquanto se filma, mas éle vai vingando. De repente, o vento começa a soprar como um verdadeiro furacão; em alguns minutos os cenários cobrem-se de areia. Porém, os artistas e os técnicos mantêm-se no seu posto. Poder-se-á continuar a filmagem? Frank Lloyd conferencia com Ben Sidney. Beu, um grandalhão sentimental, quer mandar todos para a cidade portátil, onde se abrigarão. Consulta-se Hollywood pelo T. S. F. A ordem é afirmativa. Como uma torrente, esta massa humana espalha-se. Uns correm para os carros; outros para a cidade portátil. As cabras, cavalos e camelos fazem um barulho ensurdecedor...

Quantos dias serão necessários para reparar os estragos e retomar o trabalho? Não basta construir uma cidade, transportando milhares de pessoas, instalar estradas e edifícios, é preciso também lutar constantemente e sem parar contra a natureza impiedosa.

Os jornalistas devem voltar a Hollywood antes de assistir à vitória dos cineastas sobre o deserto. Nós não temos tempo a perder. Todavia, aprendemos as proporções épicas da realização dum filme como *Sob duas bandeiras*, filme que, pela envergadura de empresa, não tem semelhante desde há anos.

BREVEMENTE

UM NÚMERO
COMEMORATIVO
do
1.º ANIVERSARIO
de

CINE - JORNAL

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27

Telefone 2 1268 e 2 1227

Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48\$00

25 " 6 meses 24\$00

12 " 3 meses 12\$00

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65\$00

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 50 — 28 DE SETEMBRO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



"CINE-JORNAL" É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA